

Mudança de código: por uma abordagem lingüística¹

I. O fenômeno 'mudança de código'² em sociolingüística pode ser abordado em dois níveis diferentes: o nível mais amplo da comunidade como um todo e o nível individual do usuário da língua. Estudos relacionados com o uso de duas ou mais línguas (códigos) por membros de uma determinada comunidade buscam respostas a perguntas como: Até que ponto indivíduos dentro de uma determinada comunidade selecionam uma ou outra língua, dialetos ou estilos de acordo com a necessidade de refletir e estabelecer determinadas relações de status, poder ou solidariedade? Até que ponto a escolha que o indivíduo faz dos códigos à sua disposição reflete certos 'juízos' ou valores sociais que a comunidade atribui às línguas em questão?

II. Quando Gumperz e Blom (1972) analisaram a mudança de código entre dois dialetos, a saber, Ranamal e Bokmal, em Hemnesberget, uma cidade do norte da Noruega, eles procuraram mostrar que certas características do sistema social local influenciavam diretamente a escolha que o indivíduo é capaz de fazer entre um ou outro dialeto. Ou seja, a explicação para a mudança de código registrada nesta comunidade se encontra no peso social que estes dialetos carregam. O dialeto local (Ranamal) é usado entre familiares, com amigos, é a linguagem da informalidade e solidariedade e portanto é identificada com os valores culturais locais: o 'nosso' código. Já o dialeto standard (Bokmal), aprendido na escola, usado

em cerimônias e proclamações oficiais, está associado a valores pan-noruegueses, tendo sido originariamente introduzido em Hemnesberget por uma elite comercial e administrativa de proprietários de terra. Conseqüentemente é a linguagem do poder e da formalidade, identificada com valores culturais não locais: o código 'deles'.

As restrições contextuais ao uso de um outro dialeto pelos membros desta comunidade dependem do local em que a interrelação social se processa (o lar, o trabalho em oposição à igreja, à escola), o que está diretamente relacionado com certas atividades (uma conversa entre amigos num bar em oposição a um discurso público ou negociações formais, etc. . .) que envolvem falantes desempenhando vários papéis dentro da sociedade (amigos, membros da família, estranhos, os socialmente inferiores ou superiores, etc. . .). Tal mudança de código é denominada 'mudança situacional' onde se torna possível prever o código a ser usado, segundo o contexto situacional. "Nessas interações os participantes de certa forma suspendem sua individualidade para interpretar o conjunto de direitos e deveres que caracterizam a posição de uma pessoa em suas relações com outras. . . o comportamento lingüístico dos participantes se torna então previsível a partir da definição social destes direitos e obrigações." (Gumperz 1964:169).

Em oposição a estes casos em que regras de co-ocorrência podem ser formuladas para o uso de um ou de outro código, há casos em que os participantes parecem usar um ou outro dialeto imprevisivelmente, não obedecendo às restrições contextuais acima mencionadas. Nesses casos, os autores observam, os participantes agem como simples indivíduos e não como atores interpretando posições sociais que ocupam como membros de uma comunidade. Esta mudança de código, aparentemente idiossincrática, isto é, não suscetível a formalização de regras, ocorre em ambientes informais de interação: com amigos ou membros do mesmo grupo social. Este fenômeno é denominado 'mudança metafórica'.

Mudanças metafóricas não sinalizam mudanças de status, de deveres e obrigações dos participantes uns em relação aos outros, mas estão, sim, associadas a uma mudança de ênfase ou tópico que ainda assim refletem, de maneira metafórica, os valores sociais de distância versus proximidade que são atribuídos aos dois dialetos Bokmal e Ranamal respectivamente. A escolha que o indivíduo faz nesses casos transmite, além do significado literal de seu enunciado, o valor social ('nosso' código v. código 'deles') a que estes dialetos estão associados. Da mesma forma que uma palavra pode ser interpretada metaforicamente como em: 'Aquele homem é uma raposa', onde o significado literal de 'raposa', associado às características que nossa cultura atribui a raposas (animal astuto, sagaz) é metaforicamente interpretado, o mesmo pode-se dizer de variações lingüísticas envolvendo mudanças de código. Se uma variedade

lingüística é associada a uma determinada categoria ou classe social ou a certas atividades, esta variedade, sempre que for registrada, lembrará metaforicamente os valores sociais a ela atribuídos: toda vez que um ou outro dialeto é usado, o significado social de inclusão ('nosso' código) versus exclusão (o código 'deles') contaminará toda a mensagem. Em suma, o fenômeno 'mudança de código' pode ser abordado sob dois aspectos diferentes:

1. a nível da comunidade lingüística no qual a mudança se processa segundo variações contextuais, altamente previsível do ponto de vista sócio-lingüístico.
2. a nível individual do usuário da língua em que a mudança de códigos, aparentemente idiossincrática, pode ser explicada metaforicamente como um reflexo de mudanças situacionais. Cabe enfatizar que nesses casos a mudança de código se processa a nível de sentença (inter-sentencial) e não a nível do discurso, que é o que geralmente ocorre em se tratando de mudanças situacionais.

III. Os dados coletados para o desenvolvimento deste trabalho (gravações feitas com estudantes bilingües de português e inglês, residentes em Londres³) revelaram dois fenômenos curiosos para os quais as análises sociolingüísticas de mudança de código não apresentavam explicações satisfatórias.

Primeiro, registrou-se um altíssimo índice de variação intra-sentencial (isto é, variações dentro de uma mesma sentença); segundo, estas variações pareciam não sofrer qualquer tipo de restrição, dando a impressão de serem totalmente dependentes da vontade do falante. O próprio Gumperz parece ter encontrado fenômeno semelhante em seus estudos, ao observar que "... nem todos os casos de alternância de código transmitem significado (metafórico). Nossas fitas contêm vários exemplos nos quais a mudança para o inglês não-standard (e.g. o inglês do negro), ou o uso de uma palavra em espanhol numa sentença em inglês só podem ser interpretados como um 'escorregão da língua' ou como um sinal da não familiaridade do falante com o estilo que emprega". (Gumperz e Hernandez 1971:328). E ele afirma ainda (Gumperz, 1975) que considerações referentes a inteligibilidade, facilidade ou clareza de expressão não constituem fatores determinantes no processo de mudança de código.⁴

Que nem todos os casos de alternância lingüística transmitem significado metafórico é indiscutível, mas que esta alternância é decorrente de 'lapsos' por parte dos falantes e que outras variáveis que não as puramente extra-lingüísticas não podem oferecer explicações satisfatórias do porquê bilingües mudam de código é, a

meu ver, bastante discutível.

Gumperz não levanta a questão do grau de bilingüismo dos participantes envolvidos nesse processo, fator de grande importância para uma explicação da mudança de código a nível intra-sentencial, registrada no processo de comunicação pessoal. É provável que a este terceiro nível — que chamo de ‘o nível da comunidade pessoal’ — o fenômeno mudança de código esteja deixando o âmbito da sociolingüística para então entrar no âmbito lingüístico ou mesmo psicológico.⁵

IV. Quando restrições lingüísticas podem estar afetando mudanças de código, o grau e a natureza do bilingüismo são de importância primordial. Nesse caso deve-se distinguir entre aqueles bilingües nativos, que apresentam proficiência nativa com relação às línguas aprendidas (proficient bilinguals) e aqueles que apresentam competência⁶ lingüística diferente com relação às línguas que dominam (subordinate bilinguals). Cabe ainda diferenciar entre aqueles que aprenderam ambas as línguas no mesmo contexto sócio-cultural (compound bilinguals) e aqueles que experienciaram contextos sócio-culturais diferentes no processo de aquisição lingüística (coordinate bilinguals). Considerações como estas parecem relevantes diante de ocorrências como as que se seguem abaixo, em que o grau de competência lingüística do falante ‘D’ causou a mudança de código do inglês para o português, uma vez que o sarcasmo que ele desejava transmitir com seu enunciado só atingiria o interlocutor se ele o fizesse em português — sua língua materna — uma vez que é a perfeição de sua construção sintática, combinada com uma entonação específica, a responsável por isso:

A: (falando a respeito de um sonho). . . “it started with me having this. . . series of numbers: seven, eight, five, three, three. You know? And I couldn’t work out what it was.”

D: “Well. . .”

A: “so. . .”

D: É uma indicação de que você devia comprar um bilhete de loteria.”

O mesmo ocorre em:

D: Don’t get. . . não se deixe levar pelas associações mais imediatas porque estas muitas vezes são enganosas.

onde ‘D’, ainda se referindo ao sonho de ‘A’, começa a sentença em inglês e, pelas razões acima mencionadas, muda para o português. Para transmitir sua mensagem no outro código, o inglês, e obter o mesmo resultado, ‘D’ teria que possuir um domínio da língua inglesa bem maior do que aquele que apresentava então.

Um outro fato curioso é o que diz respeito ao grau de

interferência que um código exerce sobre o outro. Nesses casos, o fator determinante para uma mudança de código diz respeito a fatos relacionados com a necessidade de maior clareza ou facilidade de expressão. Essas interferências não se registram apenas a nível lexical sob a forma de 'empréstimo', mas também a nível sintático:

C: ". . . O uso para o ///o uso/// para o qual a linguagem é posta? Não. o uso no qual /Não/o uso/ Como é que fala isso? 'The use to which language is put. The use which language is put to'."

D: "O uso que é feito da linguagem."

C: "Ah. . ."

Aqui a interferência da sintaxe do inglês sobre o português resulta numa construção agramatical em português: * O uso para o qual a linguagem é posta, o que provavelmente acionou a mudança para o outro código para maior facilidade de expressão. Outro tipo de interferência, acionando mudanças de código, é o que ocorre em:

B: "É uma frase que pode 'crop up', como é que se diz, 'aparecer' para coisas que não *convêm* really what I want to say."

'Convém' não existe em português no sentido aqui empregado por 'B', isto é, no sentido de 'to convey' — transmitir — em inglês. Pode-se argumentar que nesse caso o uso indevido do verbo — e sua semelhança fonética com a forma em inglês — ocasionou a mudança para o inglês por razões de inteligibilidade?

Esses tipos de mudança — e outros que veremos a seguir — não podem ser analisados em termos de mudança metafórica, cuja explicação é calcada em valores sócio-culturais que os falantes atribuem às línguas: 'nosso' código versus o código 'deles'.

V. Dentre as funções comunicativas registradas pelas mudanças de código, a literatura especializada enumera as seguintes:

a) Uma mudança de código serve para enfatizar ou esclarecer aquilo que foi dito anteriormente através de uma repetição do mesmo enunciado nos dois códigos:

B: ". . . very nice your curves, very nice. Me deu vontade de falar: 'você acha que as minhas curvas são boas?'"

Ou então:

C: "What? O que o que?"

b) Serve também para marcar interjeições e exclamações ou para indicar que estamos diante de 'sentence fillers', isto é, daquelas expressões que preenchem certos 'espaços' dentro de sentenças:

B: "Ele é sempre uma pessoa, **how do you say**, simpática, informal..."

Ou em:

D: "Mas tem que interpretar, **Oh Jesus**, tem que pensar..."

c) Uma mudança de código ocorre mais comumente para sinalizar citações em discursos direto e indireto:

B: "... ele sempre tem umas brincadeiras muito estúpidas comigo. Eu falei: 'A pint of milk please', aí ele virou pra mim e falou assim: 'would you like me to pour the milk into the dish?' como se fosse..."

Entretanto exceções quanto a c) também foram registradas:

D: "Teve uma hora que a Liz falou assim que ela nunca tinha ficado bêbada, nunca tinha ficado 'high' e nunca tinha desmaiado. Aí eu falei assim: 'Have you tried it?' ... depois o Robert falou que ele não queria beber muito vinho porque ele tinha tried to get druk yesterday e tava se sentido muito mal."

Neste trecho 'D' não mudou para o inglês quando citou, em discurso indireto, a observação de sua amiga inglesa, Liz; em seguida mudou para o inglês quando citou o que ele havia perguntado; e logo depois mudou para o português, e de volta ao inglês e finalmente de novo para o português, na mesma sentença, ao repetir — em discurso indireto — o que seu amigo inglês, Robert, havia dito.

Como explicar estas e muitas outras ocorrências registradas no material coletado quando elas não se encaixam dentro de uma análise em termos de mudança metafórica ou em termos de função comunicativa?

Timm (1975) e o próprio Gumperz (1975) observaram que a mudança de um código para outro pode ser travada quando ela viola aquilo que o falante intuitivamente considera uma unidade sintática ou semântica. Em sua análise de mudança de código envolvendo bilingües em espanhol e inglês, Timm observa que algumas restrições sintáticas impedem a alternância entre estas duas línguas:

1. **Sujeitos e objetos pronominais** são encontrados sempre em um código ou outro, sendo portanto agramaticais as seguintes ocorrências:

espanhol ou em inglês, com palavras da língua oposta que não ocorrem nesta ordem.

6. Um sintagma preposicional contendo três elementos, deve apresentar os dois primeiros ou os dois últimos na mesma língua:

*en her clase ou *to su class

Entretanto, sintagmas preposicionais contendo
Prep. + Nome ou Prep. + Det. + Nome

admitem mudanças como: en wintertime
a la teacher, se estas mudan-
ças não quebram expressões fixas numa ou noutra língua.

A posição de Timm a esse respeito é a de que embora mudanças de código na fala de bilingües Mexicano-americanos só possam ser explicadas por fatores fora do âmbito lingüístico propriamente dito, um número de restrições sintáticas estão em jogo quando se trata de mudanças registradas dentro de uma mesma sentença. Essas restrições, segundo ele, servem para assegurar "a integridade fundamental e a independência de cada uma das línguas em questão."

Conclui-se portanto que as restrições sintáticas a respeito de 'onde', dentro de uma sentença, uma mudança pode ou não ocorrer, vão variar dependendo das línguas envolvidas nesse processo.

Foi interessante verificar que as restrições sintáticas descritas para o espanhol e o inglês — com uma exceção — são as mesmas registradas na fala dos bilingües que possibilitaram o desenvolvimento deste trabalho. Isso talvez se deva ao fato do espanhol e do português serem línguas que apresentam semelhanças morfológica, lexical e sintática.

Sujeitos e objetos pronominais sempre ocorrem no mesmo código de suas respectivas formas verbais:

A: . . . "ele disse: 'I'm a psychologist, I said: 'What do you mean?'

O mesmo ocorre com as partículas negativas e seus respectivos verbos:

A: "Não/I don't know. . ."

D: "Don't get. . ./não se deixe levar. . ."

Sintagmas preposicionais contendo três elementos também corroboram os fatos enumerados por Timm, isto é, os dois primeiros ou os dois últimos elementos ocorrem sempre no mesmo código:

A: ". . .for six *algarismos*. E eu pensei. . . no meu *dream*/eu

pensei. . .”

Sintagmas preposicionais da forma Prep. Nome também admitem mudanças internas do português para o inglês:

C: “. . .falou a noite inteira de carpets.”

C: “. . .não, é só uma questão de accent Tereza. . .”

Entretanto, as restrições relativas ao comportamento dos sintagmas verbais (itens 2 e 3 do 5V) são problemáticas. Observem-se os exemplos:

D: “. . .porque ele tinha tried to get drunk yesterday e tava se sentindo muito mal.”

C: “Ela disse que ia talk me into doing the work for her.”

Observe ainda que o reverso não é permitido:

* he had tentado se embriagar ontem

* She said that she was going to convencer-me a fazer o trabalho para ela

Todos os informantes quando consultados a este respeito acharam estas construções bastantes ‘estranhas’ e mesmo ‘impossíveis’.

Casos de mudanças de código em sintagmas verbais envolvendo verbos no infinitivo acompanhados de verbos flexionados não são possíveis nem do português para o inglês nem do inglês para o português nos seguintes casos:

*Quiero to go

*I must ir

*Preciso to go

*I need ir

*Tenho que to go

*I must ir

mas são possíveis, somente do português para o inglês, nos seguintes casos:

Eu vou wait for him e não *I’m going to esperar por ele.

Eu ia wait for him e não *I was going to esperar por ele.

Você vai upset o. . . e não *You’re going to chatear. . .

É curioso notar que em espanhol estas construções gramaticais seriam consideradas agramaticais, como por exemplo o é *Voy a decide.

Processo semelhante ocorre em construções envolvendo verbos auxiliares. A mudança nesses casos só é possível do português para o inglês e não vice-versa:

Eu estava looking at him *I was olhando para ele

Ele tinha tried to get drunk *He had tentado se embriagar

Eu tenho que wait for him *I must esperar por ele

Em espanhol, segundo Timm observa, a mudança é bloqueada nas duas direções: tanto do espanhol para o inglês quanto do inglês para o espanhol.

Gumperz (1975) também observa que algumas restrições sintáticas e mesmo pragmáticas parecem universais no processo de mudança de código, mesmo em se tratando de línguas bastante diversas como o Hindu e o inglês, o esloveno e o alemão e o espanhol e o inglês. Uma dessas restrições diz respeito a construções envolvendo orações subordinadas e coordenadas, nas quais a conjunção acompanha o código em que a mudança se registra:

A: "Não, trinta e três, quarenta e cinco, setenta e oito, and then I realized that I have one record. . ."

D: ". . . tried to get drunk yesterday e tava sentindo muito mal hoje"

A: ". . . it's a telephone number and I'll have to ring it porque em Portugal os números são. . ."

Considerações como as aqui apresentadas indicam que mudanças de código parecem observar tanto restrições lingüísticas universais como também específicas de cada língua. Em ambos os casos, uma análise satisfatória do fenômeno deve levar em conta a competência lingüística do bilingüe, o contexto sócio-cultural do aprendizado destas línguas (fato importante na avaliação desta competência), e também as unidades gramaticais de cada uma das línguas em questão.

Uma abordagem puramente sociolingüística do fenômeno deixará lacunas significativas no que diz respeito à mudança de código a nível intra-sentencial de comunicação pessoal. Rotular esses casos como 'vazios' de significado só procede se o que o pesquisador busca é uma interpretação sociolingüística 'metafórica' destes enunciados. Se ao contrário essas ocorrências forem analisadas como o reflexo de certos processos lingüísticos em funcionamento, o significado que se pode depreender delas é bastante significativo.

Note-se ainda que mudanças metafóricas não são capazes de prever alternâncias. Talvez por isso mesmo Gumperz afirme que a associação entre estilo comunicativo e identidade de grupos é uma associação simbólica que não prevê diretamente¹⁰ o uso real e nem explica por que os residentes de, por exemplo, Hemnesberget mudam freqüentemente do dialeto local para o dialeto standard (Gumperz 1975; Gumperz e Blom 1972). Um modelo que vise prever mudanças de código em termos puramente sócio-culturais teria que explicar um sem número de exceções dadas as várias maneiras pelas quais fatores sociais (participantes, locais ou contextos, tópicos, etc. . .) em interação para produzir significações variadas. Conseqüentemente, as

explicações oferecidas pelas análises sociolingüísticas aqui discutidas tentam analisar a mudança de código depois delas terem ocorrido, interpretando e explicando estas alterações segundo normas sociais previamente estabelecidas.

A afirmação repetidamente encontrada na literatura especializada de que apelos a variáveis (sociais) extra-lingüísticas constituem a única abordagem satisfatória para explicar por que indivíduos bilingües mudam de código não se aplica a todos os casos de mudança de código. Um trabalho mais detalhado pode vir a revelar que restrições lingüísticas são, na verdade, tanto necessárias quanto suficientes para explicar certos casos de mudança de código produzidas por falantes bilingües.

NOTAS

1. Este trabalho foi apresentado em 1978 à Universidade de Cambridge, Inglaterra, como parte dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Lingüística. Título original: 'A study of code-switching between Portuguese and English among Brazilians living in London.' Gostaria de aproveitar a oportunidade para 'imprimir' meus agradecimentos aos meus amigos em Londres, sem os quais este trabalho não teria sido possível.

2. O termo 'código' se refere aqui ao uso de línguas ou variedades dialetais que a sociedade considera distintas. Se elas constituem na verdade sistemas distintos, geneticamente independentes ou não, é secundário para esta definição (cf. Gumperz 1964, 1967, 1975; Gumperz e Hernandez 1971; Gumperz e Blom 1972).

3. Os informantes no caso são adultos (cinco em número) cuja idade varia entre 25 e 32 anos, falantes nativos do português que aprenderam o inglês em Londres, quando em 1970 a iniciaram seus estudos:

4. Texto original: ". . . considerations of intelligibility, lucidity or ease of expression. . . cannot be the main determining reasons. . ." para mudanças de código (ib. Gumperz: 6).

5. Para maiores detalhes ver MARCOS, L.R. & ALPERT, M. (1976) Strategies and Risks in Psychotherapy with bilingual patients: The phenomenon of language independence'.

6. O termo 'competência' é aqui empregado no sentido de interiorização de um conjunto (ou, no caso, conjuntos) de regras gramaticais.
7. Observem-se ainda os seguintes exemplos:
 C: "...faz um roll-upinho pra mim?" (roll-up = cigarro tipo de palha).
 B: (falando sobre um gato): "...ele tava no jardim e comia, comia se lickava..." (lick = lamber).
8. Pronunciado ['ow'dʒi:zəʃ].
9. Texto original: "...the ultimate integrity and independence of each of the two languages involved." (ib. Timm : 481).
10. A ênfase é minha.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- GUMPERZ, J.J. (1964) 'Linguistic and Social interaction in two communities' em Dil, A.S. LANGUAGE IN SOCIAL GROUPS. Stanford University Press.
- (1967) 'The relation of linguistic to social categories' em Dil, A.S. (ed) LANGUAGE IN SOCIAL GROUPS. Stanford University Press.
- (1975) 'The sociolinguistic significance of conversational code-switching' em PRAGMATICS MICROFICHE 1.4 A5.
- GUMPERZ, J.J. & HERNANDEZ, E. (1971) 'Bilingualism, Bidialectalism and classroom interaction' em Dil, A.S. (ed) LANGUAGE IN SOCIAL GROUPS. Stanford University Press.
- GUMPERZ, J.J. & BLOM, J.P. (1972) 'Social meaning in linguistic structures: code-switching in Norway' em Gumperz, J.J. e Hymes, D. (eds) DIRECTIONS IN SOCIOLINGUISTICS, New York, Holt, Rinehart and Winston.
- MARCOS, L.R. & ALPERT, M. (1976) 'Strategies and Risks in Psychotherapy with bilingual patients: the phenomenon of language independence. AMERICAN JOURNAL OF PSYCHIATRY 133.
- TIMM, L.A. (1975) 'Spanish-English code-switching: El porque y how-not-to' em ROMANCE PHILOLOGY 28.